



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

É DOCE, MAS NÃO É MOLE, NÃO! REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS OPERADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS SOBRE A MECANIZAÇÃO DOS CANAVIAIS

JOSE RODOLFO TENÓRIO LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

ROSEMEIRE APARECIDA SCOPINHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)

É DOCE, MAS NÃO É MOLE, NÃO! REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS OPERADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS SOBRE A MECANIZAÇÃO DOS CANAVIAIS

INTRODUÇÃO

A lavoura canavieira possui quase 500 anos de desenvolvimento em território nacional. Em 2020, segundo dados da FAO (2022), 38% da área plantada com cana-de-açúcar no mundo estava localizada no Brasil. Além disso, neste mesmo ano foram produzidas, aproximadamente, 657 milhões de toneladas de cana-de-açúcar em seus mais de 10 milhões de hectares (UNICA, 2022). Tais números colocam o país com o principal produtor mundial.

Ao longo de sua história a produção canavieira passou por algumas transformações, como: expansão para novas áreas produtivas e incorporação de tecnologias modernizantes. Recentemente a mecanização dos processos de produção, mais especificamente, os ligados à etapa do plantio e colheita marcaram o setor. Barreto e Thomaz Júnior (2020) destacam que a tecnificação da produção canavieira decorre da transformação estrutural contida na lógica do capital que visa ampliar seu processo de acumulação.

A partir dos anos 2000, a colheita mecanizada da cana-de-açúcar no setor sucroalcooleiro intensificou-se e expandiu-se em todo o território nacional atingindo 91,8% da área plantada na safra 2019/2020 (CONAB, 2021). Porém, ela não se desenvolveu de maneira uniforme entre as regiões produtoras do país. Nesse período, a região Centro-Sul possuía, em média, 97,7% da área plantada com cana-de-açúcar colhida de forma mecânica, ao passo que a região Norte-Nordeste apresentava média de 24,3%.

Lima, Gonçalves e Coelho (2021), ao investigarem as transformações no mercado de trabalho canavieiro com a introdução da mecanização agrícola nos processos de trabalho, evidenciaram a forte tendência de substituição da força de trabalho por máquinas. Em 2008, segundo os autores, existiam 652.853 trabalhadores manuais e 58.051 trabalhadores operadores de máquinas agrícolas¹ nos canaviais brasileiros. Tais números apresentavam, na composição da força de trabalho responsável pela execução dos processos de trabalho da área agrícola, uma relação de 92% de trabalhadores manuais para 8% de trabalhadores ligados a mecanização. Onze anos depois, em 2018, com a diminuição do contingente de trabalhadores manuais (redução de 67%) e um aumento no número de operadores de máquinas (crescimento de 51%), tal relação alterou-se para, aproximadamente, 71% de trabalhadores manuais e 29% de operadores de máquinas.

Vários autores investigaram os desdobramentos da incorporação de tecnologias mecânicas no universo canavieiro, entre eles: Silva, Bueno e Melo (2014), Baccarin (2019), Gilio *et al.* (2019), Barreto e Thomaz Júnior (2020), Lima (2021a), Gomes e Walter (2023), entre outros. As investigações realizadas identificaram que as novas tecnologias incorporadas são: geradoras de produtividade; redutoras de custos; potencializadoras da precariedade do trabalho; e, principalmente, poupadoras de força de trabalho. Os estudiosos têm sido enfáticos ao reafirmarem os impactos negativos da mecanização no aumento do desemprego e na mudança do perfil dos trabalhadores. Contudo, pouco ainda se sabe sobre os significados atribuídos pelos operadores de máquinas às mudanças que elas provocam. Conhecer esses significados, na perspectiva dos trabalhadores que são os protagonistas do processo, é importante para orientar práticas de controle social sobre a relação tecnologia-emprego.

A partir disso, este artigo parte da seguinte questão: *Como os operadores de máquinas agrícolas interpretam e atribuem significados ao processo de mecanização agrícola que vem ocorrendo nos canaviais?* A proposta é a de compreender como a subjetividade dos canavieiros foi afetada pela nova realidade, ou seja, dar ouvidos aos trabalhadores que vivenciam essa mudança a partir do trabalho de operar máquinas agrícolas.

Os canaviais, agora repleto de máquinas, provocam “estranhamentos” e altera os modos de vida e subjetividades dos sujeitos que lá trabalham. Alguns recursos analíticos podem ser utilizados para compreender essas mudanças na subjetividade dos trabalhadores tais como, por exemplo: o estudo sobre as mudanças identitárias, resgate da memória social e as representações sociais.

O estudo das representações sociais vem sendo utilizado para a compreensão de vários acontecimentos relacionados ao cotidiano social. Pesquisas no campo da saúde (DO BU *et. al.*, 2020) ou trabalho (NASCIMENTO e RODRIGUES, 2018) se utilizam de tal recurso analítico. Particularmente com as alterações ocorridas no mundo do trabalho canavieiro Lima (2021b) destaca a potencialidade que tal recurso analítico apresenta para investigar as modificações vivenciadas nos canaviais, principalmente, aquelas ligadas ao processo de incorporação de tecnologias mecânicas. Desta forma, opta-se por utilizar esse recurso, representações sociais, como via interpretativa do processo de mecanização dos processos de produção canavieira.

A necessidade de compreender o mundo, como forma de ajustar-se e localizar-se física e/ou cognitiva e afetivamente nele, é o motor da construção das representações sociais, as quais têm a função de estabelecer a ponte entre o “estranho” e o “familiar” vivido pelos sujeitos no contexto sociocultural. A proposta teórica - Teoria das Representações Sociais (TRS) - para compreender esses processos psicossociais, aqui selecionada, parte da premissa de que as representações são “sociais” porque se constroem a partir da interação do sujeito com a esfera pública que o produz e é produzida por ele. Arruda (2002, p 16) enfatiza: “Para nós, toda representação é representação de alguma coisa, mas também de alguém que a constrói. [...] O 'alguém que constrói' baseia sua construção num território simbólico que dá o chão para a sua leitura do mundo [...]”. As representações sociais formam-se, portanto, a partir do conjunto de interações sociais que envolvem os sujeitos e são elaboradas por meio dos processos cognitivos denominados ancoragem e objetivação.

Ancoragem é a maneira pela qual o “estranho e perturbador” passa a ser familiar ou a classificar algo. De acordo com Moscovici (2009, p.62), “[...] representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”. A ancoragem ocorre quando o sujeito utiliza um paradigma “estocado” na memória para estabelecer uma relação com algo ou alguém. A objetivação é o processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou ideias. Em outras palavras, a operação de objetivar “(...) está fundamentada na arte de transformar uma representação na realidade da representação; transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2009, p.71).

As representações sociais são fenômenos complexos que se constituem a partir a interação do sujeito e o contexto sociocultural ao qual está inserido e interage. Para a sua compreensão se faz necessária compreender os seus fatores de produção e evitar o erro de assumir uma postura, exclusivamente, descritivas dos estados representativos, ou seja, focando apenas a dimensão mental/subjetiva do sujeito. Diante desta complexidade analítica Jodelet (2009, p.695) destaca: “[...] as representações sociais são fenômenos complexos, incitando um jogo de numerosas dimensões que devem ser integradas em uma mesma apreensão e sobre as quais é necessário intervir conjuntamente”. Assumindo essa multidimensionalidade que constituem as representações sociais a autora propõe como quadro analítico o uso de três dimensões, são elas: a subjetiva (individual), a intersubjetiva (grupo ou classe) e a transubjetiva (cultural/social).

Amparados por essa proposta teórico-metodológica, assume-se, aqui, que o sujeito e sua trajetória, de vida e profissional, são pilares que conduzem ao entendimento das representações sociais construídas por eles sobre diferentes processos. Além da individualidade, os contextos de interação em grupo (intersubjetivo), seja de trabalho ou familiar, e o contexto estrutural-social-

ideológico (transubjetivo) contribuem para a formação das representações, as quais são elaboradas para possibilitar a compreensão do sujeito sobre a realidade vivida.

O percurso metodológico foi, predominantemente, baseado na abordagem qualitativa. O campo da pesquisa foi o estado de Alagoas, sendo a microrregião de São Miguel dos Campos o recorte territorial escolhido. As informações foram levantadas a partir de entrevistas e incursões a campo. A análise valeu-se do confronto e da complementariedade entre as informações provenientes das fontes primárias com a bibliografia de referência selecionada e dados secundários coletados em bases de informação.

Foram entrevistados 14 operadores das máquinas agrícolas, entre os meses de março a junho de 2019. As entrevistas não seguiram um roteiro semiestruturado, pois o objetivo era o de ouvir os trabalhadores que, livremente, falaram sobre como eles percebiam a incorporação das máquinas nos canaviais e teorizaram para explicar o fenômeno.

O percurso analítico requer, primeiramente, que se apresente quem são esses trabalhadores para, na sequência, tratar das representações sociais construídas sobre a mecanização do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar. Desta forma busca-se oxigenar o debate sobre as transformações dos processos de trabalho no setor canavieiro que avança no sentido da incorporação de novas tecnologias poupadoras de força de trabalho sem garantir condições de reprodução social para os trabalhadores excluídos.

QUEM SÃO OS OPERADORES DAS MÁQUINAS

A princípio, no nível individual (subjetivo), o processo de construção das representações sociais está ligado à trajetória pessoal e profissional de cada sujeito situada em determinado contexto sociocultural. O modo como tais sujeitos adentraram no universo de trabalho canavieiro e, depois, como circularam entre as diferentes funções exercidas em seu interior criou memórias particulares em cada um dos entrevistados. As experiências vividas por eles ao longo do tempo coadunaram-se em suas individualidades e criaram memórias que deram sustentação ao processo de *ancoragem* e possibilitaram aproximar os diferentes modos de trabalhar com as máquinas no sentido de interpretar a nova realidade que se colocava no cotidiano.

Todos os sujeitos entrevistados residiam na Microrregião de São Miguel dos Campos, considerada a mais mecanizada do estado alagoano. Importante destacar, pois, em Alagoas, a cultura canavieira – está presente em 54 das 102 cidades - apresenta um modelo simbiótico de produção, pois envolve práticas modernas e arcaicas (LIMA, 2021c). A cultura tem grande relevância não só em termos econômicos, como também na formação histórica e cultural do estado (CARVALHO, 2015).

A cultura canavieira em Alagoas - que até o ano de 2007 era o segundo maior produtor nacional de açúcar - passou por um processo de retração nos anos 2010 em que várias unidades produtivas foram fechadas e a área plantada reduzida. Mesmo com tal fato o setor ainda ocupou, em média, mais de 60% da área agricultável (LIMA, 2021d), sendo, ao longo dos anos, uma das principais atividades econômicas do estado. A retração sofrida fez com que a participação no mercado de trabalho estadual fosse reduzida, porém 12% do trabalho formal no ano de 2017 ainda estavam lotados no setor ante 21% no ano de 2008 (LIMA E SCOPINHO, 2022).

Carvalho (2019) apontou que ocorreu ampliação do mercado de trabalho alagoano – principalmente na área de serviços e comércio - no início do século XXI, porém, o mesmo autor destaca que ainda persistem particularidades no estado que permitem um maior protagonismo do setor canavieiro, como por exemplo: forte dependência de programas sociais como o Bolsa Família - que atendeu 40% das famílias alagoanas em 2016; elevada taxa de desocupação que era uma das maiores do Brasil em 2018 com 17,7%, valor superior à média nacional de 13,1% e nordestina de 15,9%. Tal realidade faz com que o mercado de trabalho alagoano seja extremamente restrito como

foi destacado pela PNAD do IBGE (2019) onde o nível de emprego chegou a 39,1% em 2017, a menor taxa do país.

Em algumas regiões e municípios a atividade canavieira ocupa um posto de centralidade na vida socioeconômica da população como a principal fonte de emprego e renda, fato visto na região em que se desenvolveu a investigação. A importância da USINA na economia regional foi descrita pelos entrevistados ao apontarem a redução da atividade comercial da cidade no momento da entressafra. Desse modo, a USINA não só assumia um importante papel na região (principal fonte de empregabilidade), como também interferia na dinâmica socioeconômica da localidade, fato percebido a partir da reflexão realizada pelo entrevistado 11: “Agora, quanto a uma cidade dessa, hoje, que só tem aqui [USINA]... quantos ficam no mundo?”

Outra questão importante para conhecer os entrevistados diz respeito ao fato de que aqueles que trabalhavam há mais tempo viveram na área rural da região ou mesmo nas fazendas que integravam as terras pertencentes às usinas. A prática de trabalhar e viver nas terras da própria usina, “sistema de morada”, era realidade comum em Alagoas, assim como em outros lugares em que a cultura canavieira se desenvolveu. Porém, as mudanças ocorridas na ampliação no uso das terras, a expansão produtiva e as alterações na legislação trabalhista fizeram com que essa prática fosse, paulatinamente, erradicada do universo rural.

A sucessão geracional do trabalho canavieiro e as relações familiares são traços marcantes e presentes no universo canavieiro (CHARLES DOS SANTOS, 2013), de modo geral, e, entre os trabalhadores entrevistados, não foi diferente. Muitos deles eram filhos de trabalhadores ou ex-trabalhadores de usinas da região. Alguns entrevistados possuíam irmãos e primos que trabalhavam ou haviam trabalhado no setor sucroalcooleiro.

Os entrevistados operadores de máquinas nos canaviais; em sua grande maioria - apenas um não havia trilhado esse caminho - começaram as suas atividades no mundo canavieiro como trabalhadores rurais exercendo atividades manuais em diversas fases da produção agrícola – preparo de solo, plantio, adubação, aplicação de herbicida e corte de cana-de-açúcar. Com o avanço da mecanização dos processos de trabalho na lavoura canavieira alagoana como demonstra os trabalhos de Firmino (2021) e Lima e Barbosa (2022) alguns trabalhadores, ao longo de seus percursos laborais, além de migrarem do trabalho manual para o trabalho mecanizado, passaram a operar não apenas uma, mas vários tipos de máquinas como: tratores, carregadeiras e colheitadeiras. Assim as máquinas agrícolas passaram a serem mais próximas da realidade canavieira de alguns trabalhadores, gerando, desta forma, uma nova e “estranha” realidade.

Por fim, mas não menos importante para caracterizar os trabalhadores entrevistados, era o tempo de trabalho no universo laboral canavieiro. A vivência longitudinal dos entrevistados repercutiu na presença constante da palavra “mudança” nos seus discursos: “Hoje, está tudo diferente; No tempo dos meus pais não era assim; Mudou muito, vixe!” e destacavam as transformações dos canaviais ao longo dos anos: mais máquinas, menor quantidade de pessoas trabalhando, redução da participação da mulher no campo, fim do “sistema de morada” dentre outras.

Essa primeira aproximação com os sujeitos permite demonstrar que as mudanças ocorridas no universo canavieiro não se restringiram apenas ao ambiente laboral com a incorporação de máquinas no campo. Elementos da esfera pública somados à memória social que ela carrega repercutiam na construção das representações. A realidade socioeconômica do estado e da região, a história familiar e social ligada ao mundo canavieiro, a forma como os trabalhadores passaram a operar as máquinas no campo, a trajetória e o tempo de trabalho no setor, entre outros pontos, constituíam memórias que ancoravam o “estranho” que passava a fazer parte do cotidiano.

O movimento que busca dar nome ao “estranho”, a partir dessa associação com a memória, é a *objetivação* ou como Moscovici (2009) anota: transformar uma representação na realidade da

representação, ou seja, uma ação de denominação do interior do sujeito para o seu exterior. Desta forma, apresentamos e discutimos, na sequência, a forma original dada pelos trabalhadores para objetivar a compreensão da novidade trazida pelas máquinas nas condições de trabalho e vida.

A “DOÇURA” E A “DUREZA”: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS OPERADORES SOBRE A MECANIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRABALHO AGRÍCOLA

Os operadores de máquinas entrevistados, que passaram a assumir as novas ocupações emergentes no processo de mecanização agrícola, utilizavam a metáfora da rapadura, alimento importante na cultura nordestina, para explicar as contradições da presença das máquinas no campo nas suas dimensões tanto “positiva” ou “doce” quanto “negativa” ou “dura”. Se as máquinas possibilitaram melhorias nas condições de trabalho e vida dos que estavam na condição de operadores, lado “doce”, em compensação, traziam o desemprego, o lado “negativo” ou “duro”. “(...) *é bom para quem fica e ruim para quem sai (...)*”, ou seja, elas geravam ocorrências positivas para quem conseguia inserir-se na nova lógica e promovia uma realidade “dura” para aqueles que eram excluídos dela. Assim sendo, esse olhar lançava uma análise crítica sobre o fenômeno da mecanização ocorrida nos canaviais, visto que tentava perceber que uma determinada ação possui múltiplas implicações e que estas poderiam assumir valorações positivas e negativas. Por isso, o uso do ditado popular que se referia à rapadura e tentava expressar a multidimensionalidade dos fenômenos foi utilizado: “*É doce, mas não é mole, não!*”.

ENTREVISTADO 11: Rapaz! para a gente que trabalha com elas[máquinas] é (...) um negócio que, para quem está trabalhando junto, é coisa boa, mas quando você pensa em quem não está, é coisa péssima. Quantas pessoas estão desempregadas por causa de uma colhedora dessa. [...] Assim, quem está com elas [máquinas] é bom.

A partir de agora, faz-se necessário compreender os motivos que levaram os trabalhadores da mecanização a conferir um significado contraditório e ambíguo para este fenômeno examinando os diferentes aspectos da realidade concreta que participavam desta construção.

De Onde Vem a “Doçura” da Mecanização?

Os acontecimentos que levaram os trabalhadores a perceberem melhorias nas condições de vida e trabalho advindas da intensificação do uso das máquinas agrícolas nos canaviais, em anos recentes, foram categorizadas em três justificativas: 1) melhoria das condições de trabalho ou “conforto”; 2) melhoria salarial; e 3) melhoria na valorização profissional. Importa ressaltar que, nas diversas falas, algumas dessas categorias mostraram-se mais explícitas do que outras. No entanto, e de forma unânime, a mecanização agrícola e o operar as máquinas foi visto como algo “bom” e “positivo” a partir da conjugação dos fatores que compunham cada uma dessas três justificativas. Expressões de surpresa e sorrisos marcaram as falas dos sujeitos no momento em que avaliavam o lado positivo.

Melhoria das Condições de Trabalho

O trabalho nos canaviais é marcado pela presença de inúmeros fatores de riscos para os trabalhadores. Leite *et al.* (2018) enumeram os vários tipos (riscos) ao observar as atividades relacionadas ao corte de cana-de-açúcar: biológicos, químicos, físicos e psíquicos. Tais riscos materializam-se em acidentes de trabalho, afastamentos por doenças adquiridas, invalidez e morte. Entre os anos de 2012 a 2018, conforme apontam os dados apresentados por SmartLab (2020), foram registrados 113.638 acidentes de trabalho no setor sucroalcooleiro nacional. Destes, 32% referem-se aos trabalhadores que desenvolviam atividades manuais no campo e 7% àqueles que desenvolviam atividades ligadas a mecanização agrícola. Quando a observação focaliza os afastamentos motivados por doenças, ou seja, aqueles que não possuem vínculo com acidente de trabalho, tem-se que, entre os anos de 2012 a 2018, 43.012 trabalhadores manuais foram afastados,

tendo como principal causa a dorsalgia ou dor nas costas. Além disso, os membros superiores como braço, ombro e punho também eram passíveis de lesões devido ao tipo de atividade desenvolvida.

ENTREVISTADO 13: Rapaz! o cabra lembra do passado triste do cabra. É muito cansativo. Você ser rural [trabalhador manual] e passar a ser do setor da indústria [operar máquinas agrícolas] Quando sai do rural é uma parte.... é um serviço muito pesado. Não se compara você estar cortando cana, limpando mato, para operar uma colheitadeira, estar no ar condicionado. No ar condicionado, não tem tanta sujeira, não tem tanto cansaço. Assim, se você for comparar um trabalhador que trabalha na enxada ou no corte de cana com um motorista ou operador de colheitadeira é totalmente diferente!

O trabalho no mundo rural e, particularmente, o canavieiro, é marcado pela forte superexploração dos trabalhadores, fato evidenciado nos estudos de Alves (2006), Verçoza (2018) e Costa (2017). O aumento da produtividade exigida dos trabalhadores a partir da reestruturação produtiva – média de seis toneladas dia por trabalhador nos anos 1980 passou para doze nos anos 1990 - foi apenas um dos fatores da atual intensificação do trabalho canavieiro, que passou a “moer gente e espalhar bagaços” (CRUZ, 2020). A violência que o corpo do trabalhador sofre para atingir os níveis de produtividade esperados vai degradando as suas condições físicas e as cicatrizes vão sendo construídas. Existem inúmeras atividades que podem ser exercidas pelo trabalhador rural no canavial, mas aquela ligada ao corte é a que mais gera sofrimento, como pode ser percebido no relato que segue:

ENTREVISTADO 10: Olha, vou dizer uma coisa a você: ali é um serviço que só vai quem tem costume. Porque, que nem eu que trabalhava no campo e não tinha costume, quando fui a primeira vez, os calos da mão ... estourou as duas mãos. Não tinha o costume, não tinha o jeito de pegar o facão que já cortava rapidamente e a gente, que não tem as manhas, é complicado!

Além disso, a exposição às condições adversas encontradas nos canaviais como sol, chuva, calor excessivo, animais peçonhentos ou mesmo o desenvolvimento das atividades laborais em lugares com grandes declividades são fatores que potencializam os níveis de exploração e desgaste aos quais os trabalhadores estão expostos. Roscani *et. al.* (2017), ao avaliar a exposição à sobrecarga térmica, indicam que as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores aceleram o calor metabólico que, associado às condições ambientais desfavoráveis como o calor, acaba por provocar o estresse térmico que tem como consequência a geração de graves doenças ou mesmo a morte. Os relatos ilustram as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores nos canaviais durante a jornada de trabalho:

ENTREVISTADO 12: Se chovesse, era levando chuva no levantamento de perda das máquinas, no sol também, não importa. No campo, ou você trabalha ou trabalha, entendeu?

ENTREVISTADO 9: Assim, na parte do campo, é mais trabalhoso, mais calor, temperatura, não é? Na máquina não, é mais sossegado. Nós temos ar-condicionado e tudo.

ENTREVISTADO 4: Ah, é bom demais! [abre um sorriso]. Na máquina, agora, é bom. Antes era muito difícil semear cana, suado, formiga mordendo, com feixe de cana nos braços, saindo carreira a carreira de cana semeado, pinicando as canas, pois tinha a quantidade certa da medida para não cortar a gema. Era uma grande dificuldade!

A investigação de Verçoza (2018) aponta para o nexos causal entre a atividade canavieira e o adoecimento dos trabalhadores e reforça o argumento de que os efeitos relativos à intensificação e degradação do trabalho também têm proporcionado o encurtamento da vida produtiva dos trabalhadores. Ao manter um ritmo de trabalho elevado, o desgaste sofrido compromete a saúde porque eles não conseguem responder com o mesmo nível de produtividade por longos períodos e o resultado dessa superexploração é a incapacidade para o trabalho. O reflexo perverso desse processo é o “descarte” dos trabalhadores, que passam a ser “improdutivos” para o sistema de produção e uma nova rede de sofrimento no “pós/trabalho” desenvolve-se para eles, como foi demonstrado por Reis (2018) em sua investigação.

Os problemas enfrentados pelos trabalhadores canavieiros, diante de um contexto de trabalho altamente degradante, não se restringem apenas ao adoecimento, que pode gerar invalidez

ou encurtamento da vida profissional. A morte proveniente da exaustão no trabalho manual também tem sido observada nos canaviais, onde a busca da manutenção de altos níveis de produtividade é incessante (ALVES, 2006; COSTA, 2017).

Os trabalhadores, ao passarem para o trabalho mecanizado, sentiam-se, por vezes, agraciados divinamente: *“Mas, hoje, estou aqui na máquina e agradeço muito a Deus!”* (ENTREVISTADO 4). Nota-se que o trabalhador avaliava que as suas condições de trabalho melhoraram. A saída de uma condição de trabalho na qual a exposição ao sol, à chuva ou ao calor foi substituída pela temperatura regulada do ar condicionado promovia a percepção de uma grande melhoria nas suas condições de trabalho. Tal percepção foi compartilhada por outro trabalhador entrevistado: *“Na colhedora, não, a gente está no ar condicionado”* (ENTREVISTADO 11). Houve, também, a percepção de que a nova ocupação demandava um menor esforço físico.

ENTREVISTADO 3: Melhorou 100%, não tem nem comparação. Porque, no trator, a gente trabalha no ar condicionado, na colhedora, no ar condicionado também e, no campo, não, você é todo... é trabalho manual, pesado, no sol, todo melado. Aí [aponta para a máquina], não. É todo limpo, direto. Raramente a gente se mela um pouquinho. Raramente. (...) Rapaz! tem muita diferença, viu? Comparar o serviço do plantio com o da colhedora... não tem comparação. Porque, no plantio, a pessoa se desgasta muito, pois é tudo manual, você só trabalha manual direto, direto. Ali é você se desgastando totalmente. Em trator e colhedora, não.

As condições enfrentadas no cotidiano são tão degradantes que a passagem para uma atividade considerada mais “leve” acaba por camuflar os novos níveis de exploração e risco aos quais eles passam a ser submetidos. Os trabalhadores que assumiam os novos postos advindos da mecanização, tidos como menos degradantes e melhor remunerados, não estavam isentos do processo de exploração e degradação. O lado “doce” da mecanização tem as aspas, justamente, para mostrar que essa passagem não é tão menos degradante como, geralmente, é percebida. As máquinas, por um lado, demandam esforço mental elevado por parte dos condutores, que trabalham em jornadas cada vez mais longas e, por outro, potencializam o aparecimento de distúrbios osteomoleculares, provenientes dos longos períodos em que permanecem sentados em uma mesma posição e realizando ações repetitivas (SCOPINHO *et al* 1999; ROCHA e MARZIALE, 2011).

Ao observar a gravidade dos acidentes de trabalho, os ligados à mecanização possuem maior letalidade quando comparados aos trabalhadores manuais (REIS, 2014; LIMA, 2021e). Os afastamentos que as ocupações ligadas à mecanização geraram entre os anos de 2012 a 2018, foram na ordem de 12.127 ou algo próximo a 8% do total dos afastamentos do setor, tendo como principal fator a dorsalgia e transtornos ou traumas nos joelhos (SMARTLAB, 2020).

De maneira geral, percebe-se que a experiência narrada pelos trabalhadores sobre a sua vida no campo, como trabalhadores rurais, marcava as suas subjetividades com memórias dolorosas sobre as ações antes desenvolvidas. Na medida em que o sujeito foi retirado de um contexto de trabalho desfavorável, pois tem abrigo em uma cabine com temperatura controlada e o esforço físico reduzido, a nova experiência, agora mecanizada, surgia como uma saída para o trabalho “pesado” e “penoso”. Assim, a sensação de menor degradação acabava por construir a representação de que o trabalho, a partir das máquinas, comprometia menos a saúde física.

Melhoria Salarial

Os salários pagos no mercado de trabalho rural são mais baixos, em média, do que aqueles praticados em outras atividades econômicas, como enfatizou CEPEA (2018a). Os fatores que podem impulsionar a ocorrência de menores salários estão ligados, historicamente, à baixa qualificação que o trabalho rural demanda. Porém, com o processo de modernização agrícola decorrente da incorporação de tecnologias mecânicas no campo, essa realidade vem mudando. Bernadelli *et al.* (2020) consideram que o processo de modernização, além de proporcionar maior

formalidade nas relações de trabalho, requer nível mais elevado de escolaridade da força de trabalho e também provoca aumento nos rendimentos.

No caso do setor sucroalcooleiro nacional, a área agrícola, como enfatizou o CEPEA (2018b), apresentou, entre os anos de 2006 e 2016, um aumento de 60% nos rendimentos dos seus trabalhadores. Segundo os autores, os aumentos estavam vinculados à mudança de perfil na força de trabalho ocorrida no período. O trabalho de Lima (2021a) evidencia que existe diferenças entre as remunerações pagas aos trabalhadores manuais e da mecanização, sendo os últimos melhor remunerados, como também, mais escolarizados. O mesmo trabalho destaca que além deste fato os trabalhadores do Centro-Sul canavieiro são melhor remunerados quando comparados aos do Norte-Nordeste.

Cabe destacar que o trabalhador rural, exposto a uma estrutura de remuneração baixa quando comparada a outras atividades econômicas, ao ter melhores ganhos, mesmo que pequenos, percebe uma grande diferença, como pode ser visto na fala abaixo:

ENTREVISTADO 14: Muda tudo, bicho! Até o custo de vida que nós tínhamos vai passar a ser melhor, porque, no campo, o salário é um e, na indústria [operar máquinas no campo], o salário é outro.

Informações sobre o setor canavieiro nacional, disponibilizadas em Lima (2021a), apontavam que a maior parcela dos trabalhadores ligados ao trabalho manual apresentavam remuneração inferior, quando comparado com as ocupações que operam máquinas agrícolas. Particularmente em Alagoas, local em que se realizaram as entrevistas, cerca de 67% dos trabalhadores manuais receberam remuneração inferior a 1,5 salário mínimo no ano de 2018. Ao observar o caso das ocupações ligadas ao trabalho mecanizado verifica-se que a questão salarial foi completamente diferente, pois cerca de 80% dessa força de trabalho recebeu entre 1,5 a quatro salários mínimos no mesmo ano, sendo que quase 30% ficou na faixa entre dois a quatro salários mínimos (RAIS/ME, 2020). Importante destacar que no mercado de trabalho alagoano 70% dos trabalhadores formais recebiam até dois salários mínimos no ano de 2018, ou seja, alguns trabalhadores da mecanização canavieira alagoana fazem parte de um pequeno e seletivo grupo dos trabalhadores com as “melhores remunerações” do estado.

As diferenças salariais existentes entre o trabalho manual e as ocupações ligadas ao trabalho mecanizado foram amplamente relatadas pelos entrevistados, quando questionados sobre o porquê de considerarem haver melhorias no trabalho mecanizado. Frequentemente, eles mencionavam que *o salário duplicou, triplicou ou melhorou 100%*.

A melhoria financeira foi visível e refletiu na melhoria das condições materiais de vida, pois viabilizou o acesso aos novos níveis de consumo. A remuneração de trabalhador rural era tão baixa que promovia uma alta sensibilidade para qualquer incremento de renda, notada a partir de algumas falas como as transcritas a seguir:

Entrevistador: Salário muda também?

ENTREVISTADO 13: Muda! O cabra ganhar um salário mínimo e, quando eu cheguei a operador, passei ganhar uns dois salários mínimos, em torno de 2 salários e meio. A produção gera em cima, tem uma produção por colheita, até o salário muda! A gente vai ter um padrão de vida completamente diferente.

Entrevistador: O que muda nesse padrão de vida?

ENTREVISTADO 13: Você consegue dar um conforto melhor para a sua família, para seus filhos, para sua esposa. Vai ter... assim, adquirir um crédito para ter uma coisa melhor. Antes, quando eu trabalhava no rural, não tinha praticamente nada. Nem filho, eu tinha! Nem família, eu tinha, pois tinha medo de não ter condições de não manter no padrão que eu queria manter.

Os relatos apontaram para mudanças nas suas vidas a partir do incremento da renda e, conseqüentemente, da ampliação do poder de consumo. Valadares *et al.* (2016) ao realizar um debate, a partir da perspectiva de vários autores sobre consumo e sociedade, identificam que, na chamada “pós-modernidade” a lógica do consumo passa a ser vigente e a “sociedade do consumo”

que se estabelece tem nos produtos não apenas um meio de satisfazer necessidades básicas, mas um novo modo de socialização. Consumir produtos tem uma função de demarcar o sujeito socialmente, assim o consumo assume um lado simbólico e subjetivo também. Taschner (2010), tendo como base essa lógica imaterial ou simbólica do consumo, chama a atenção de que o ato de consumir pode ser percebido como um mecanismo do sujeito para colocar-se como cidadão perante a sociedade.

Importante notar que, diante do contexto de exploração e exclusão ao qual esses trabalhadores estavam expostos, pequenas melhorias no padrão de consumo, a partir do incremento de renda advinda da mudança ocupacional, permitia a sensação de uma maior integração social ou mesmo de pertencimento social, pois como Taschner (2010, p. 49) ressalta: “*Nos estratos menos favorecidos, esse consumo pode ser pensado como de inclusão*”. A migração para uma ocupação que remunera melhor, dado o contexto precário, eleva o trabalhador a uma nova categoria socioeconômica e propicia-lhe alimentar expectativas com relação ao acesso à melhores formas de reprodução social. Ter acesso ao crédito ou mesmo fazer planos de constituir família passam a permear a realidade de um sujeito que tem, como marca, uma vida precarizada.

Fica evidente também que, assim como a questão do “conforto” foi celebrada pelos trabalhadores, a elevação da remuneração proporcionava a aquisição de bens que, até então, não podiam ser acessados, gerava sentimentos e promovia uma percepção positiva sobre os ganhos provenientes da nova ocupação. Contudo, o processo de exploração ao qual essa força de trabalho foi submetida passou a ser amortecido pelas representações positivas que o trabalho mecanizado proporcionava, uma vez que a sensação experimentada foi de que eles “(...) *ganham muito mais e trabalham ou se desgastam bem menos.*” Seja por conta da trajetória vivida de cada um desses trabalhadores nos canaviais, seja pelos contextos familiar e social de vivência, a melhoria na renda, subjetivamente, construiu a ideia de que houve melhorias significativas nas condições de vida e de que foram as máquinas que possibilitaram tamanha transformação.

Melhoria na Valorização Profissional

O trabalho executado, predominantemente, por meio do esforço físico acaba por animalizar os sujeitos que o desenvolvem. As atividades laborais realizadas nos canaviais, que têm suas raízes no modelo escravista, mantêm até os dias atuais marcas da desumanidade e da superexploração dos trabalhadores. Foram recorrentes as falas dos entrevistados que consideravam que se passa a exercer uma “profissão” no canavial somente a partir do momento em que ocorreu a mobilidade para uma das ocupações ligadas à mecanização. Falas como: “(...) *trabalhador rural não tem valor (...)*” foram ouvidas repetidas vezes durante as entrevistas realizadas com os operadores.

A falta de prestígio social do trabalhador canavieiro que desenvolve atividades manuais, dada as suas condições de realização, promove uma imagem negativa que marca a ocupação e os sujeitos que a exercem (dimensão transubjetiva). Charles dos Santos (2017), ao investigar o trabalho canavieiro na Zona da Mata alagoana, encontrou o sujeito “meia sola” que ele define como:

Ele é justamente o sujeito sem qualificação ou pouco qualificado que realiza trabalhos que poucos se dispõem a realizar (SOUZA, 2009), que tem rendimentos irrisórios – verdadeiros salários de miséria – e que ora está na formalidade precária (VISSER, 2012) ora na informalidade também precária, isto é, durante algum tempo possui trabalhos com carteira assinada, a despeito de serem atividades penosas e remuneradas abaixo das necessidades de consumo familiares [...]. (CHARLES DOS SANTOS, 2017, p. 20)

As dimensões intersubjetiva e transubjetiva agem fortemente na construção dessa significação, uma vez que o rótulo que marca o trabalhador canavieiro que desenvolve atividades manuais no campo é repleta de desprestígio social. A baixa valorização advinda da brutalidade inerente à essa atividade repercute em uma visão de não profissionalização, porque se assemelha ao

trabalho dos escravizados. Assim, ao mudar para uma nova ocupação, desprovida desses rótulos, era vista como ascensão, dentro e fora do contexto laboral.

A passagem para uma ocupação que permite se distanciar dessa imagem foi vivenciada pelos operadores de máquinas agrícolas. Falas como a do ENTREVISTADO 14: “(...) *hoje eu tenho profissão. A gente se sente orgulhoso de operar uma colhedora. É uma coisa muito boa!*” foram recorrentes entre os trabalhadores entrevistados. Além disso, tais falas sempre eram acompanhadas de expressões corporais positivas, como sorrisos de satisfação, quando faziam referência à nova ocupação. Sobre orgulho e prestígio, um dos entrevistados disse a seguinte frase: “*Hoje, eu tenho orgulho de chegar no comércio e quando perguntam minha profissão, eu digo que sou operador de máquina agrícola!*” (ENTREVISTADO 12).

Os relatos apontavam para uma hierarquia das ocupações que formam o nível operacional do campo, fato também observado no trabalho de Scopinho *et al.*(1999). A ocupação vista com menor valorização é a de trabalhador rural e a que possui maior prestígio é de operador de colheitadeira. Entre essas duas, existem outras ocupações como as de tratorista, operador de carregadeira e motorista. A passagem de uma ocupação para outra, na direção daquelas que possuem maior “valor”, foi vista como uma escada a ser “subida” pelos trabalhadores do campo que querem ascender no universo laboral canavieiro.

Há em alguns casos, também, a idealização de operar a colheitadeira, algo que se constituiria em um sonho a ser alcançado. O ENTREVISTADO 6 durante uma conversa afirma: “(...) *ainda não cheguei na que eu tenho sonho. Tenho sonho de colhedora*”. Tal fala ilustra a noção de que, no rol de ocupações canavieiras, buscar a “ascensão profissional” tendo a ocupação de operador de colheitadeira como meta é um caminho que se busca seguir, dado que representa uma fonte de maior prestígio dentro da comunidade de inserção, como também apresenta os maiores rendimentos no mercado de trabalho agrícola do setor sucroalcooleiro, como apontam os dados de Lima (2021a).

Além disso, receber um simples “bom dia” por parte de outros trabalhadores da empresa alocados em níveis hierárquicos superiores, foi considerado um ganho por parte daqueles que conseguiam “ascender” na hierarquia das ocupações do campo. Interessante perceber que a representação ou imagem de desvalorização do trabalhador rural não ficam restritas apenas ao subjetivo. As práticas de interação cotidianas que se desenvolvem nesse contexto materializam as representações que existem sobre esse profissional (trabalhador rural).

Jodelet (2015a), ao investigar as representações sobre a loucura, identificou que elas não se restringiam apenas ao campo subjetivo, pois as práticas sociais materializavam as representações elaboradas pelos sujeitos, visto que serviam como “guias” para interagir com o fenômeno, ou seja, determinavam certos comportamentos que a comunidade acabava por adotar.

O relato do ENTREVISTADO 11 ilustra o movimento que parecia conduzir à invisibilidade da qual os trabalhadores rurais padeciam no cotidiano laboral e que potencializava a baixa valorização social alcançada por eles no mundo canavieiro:

ENTREVISTADO 11: Quando a gente trabalhou como rural, só a turma rural mesmo que chegava, conversava, brincava. Passava encarregado, até fraquinho mesmo [de hierarquia baixa], passa aqui ao lado [faz um gesto demonstrando proximidade], do jeito que passava, não dava valor, não. Só quando precisava, falava: vá fazer isso e aquilo outro. Hoje, não. Depois, que eu passei foi um negócio melhor. Hoje, o pessoal passa, fala *bom dia, boa tarde*. Pergunta o que está acontecendo, conversa mais.

Por outro lado, ao ocupar profissões “mais respeitadas”, o sujeito passava a ter a sensação de estar inserido em grupos sociais mais valorizados, mesmo que, a partir de gestos simbólicos que denotavam respeito como um simples cumprimento, fossem percebidos como ganhos trazidos pela nova ocupação. O ENTREVISTADO 9 reforçou o argumento da valorização trazida com a nova ocupação:

ENTREVISTADO 9: (...) A pessoa, como operador, é mais valorizada? É. Eu acho que é isso. Os outros olham de uma outra forma.

A passagem não era percebida apenas como uma simples troca de ocupação, uma vez que a sensação de ascender profissionalmente no mundo canavieiro carregava um simbolismo que não se materializava apenas em fatos concretos, maior remuneração ou menor desgaste físico, ou mesmo ficavam restritas ao contexto de trabalho. A sensação de ser operador de máquinas tendo como referência a atividade laboral anterior possibilitava representar, positivamente, a chegada das máquinas no campo, o que remetia à “doçura” advinda desta nova realidade. Contudo, nesse mesmo grupo de trabalhadores, a realidade do desemprego sucedida com a substituição do trabalho manual pela incorporação das máquinas não deixava de ser mencionada, fato discutido a seguir.

De Onde Vem a “Dureza” da Mecanização?

O mundo canavieiro dos trabalhadores entrevistados proporcionava um entendimento contraditório do fenômeno da mecanização agrícola, pois gerava melhores condições de trabalho e vida para “poucos” e, conseqüentemente, eliminava ou reduzia, significativamente, o emprego de “muitos”. A sensação de que é *bom para quem fica* e conseguia ascender nas ocupações do campo, vivenciada pelos entrevistados foi contrastada com a realidade daqueles que eram excluídos do sistema, ou seja, é *ruim para quem sai*.

As transformações ocorridas nos canaviais brasileiros com a intensificação da mecanização da colheita a partir de 2007 proporcionaram alterações no mercado de trabalho do setor. Entre os anos de 2008 a 2018, no cenário nacional, houve uma ampliação de 22,6% da área plantada e forte redução da força de trabalho manual do campo com quase 440 mil postos de trabalho eliminados. Esses números evidenciam que a expansão verificada na produção de cana-de-açúcar foi realizada com a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto nos canaviais brasileiros (LIMA, GONÇALVES e COELHO; 2021).

Além do avanço da mecanização nos canaviais brasileiros, o setor passou por uma crise nos anos da década de 2010 como destacaram Santos, Garcia e Shikida (2015), que culminou no fechamento de algumas unidades produtivas. Tal crise foi mais impactante na região produtora do Norte-Nordeste, como enfatizou Vidal (2018), dada as condições de produção encontradas na região. A crise que se abateu sobre a região Norte-Nordeste e, conseqüentemente, a retração na área plantada foi a principal causa de redução da força de trabalho como apontam Lima, Gonçalves e Coelho (2021). Alagoas seguiu a tendência da região e apresentou fechamento de unidades produtivas e uma queda acumulada de 42,% da força de trabalho que desenvolvia trabalho manual nos canaviais, aumentando, conseqüentemente, seu exército de reserva (LIMA E SCOPINHO, 2022).

Neste contexto de crise e mecanização dos processos de produção agrícola os relatos, principalmente daqueles trabalhadores que vivenciavam a USINA há mais tempo, demonstraram que ocorreu uma significativa redução no número de trabalhadores rurais ao longo dos anos a partir da incorporação de tecnologias. A realidade do desemprego passou a povoar o contexto de trabalho possibilitando, assim, que a dimensão “negativa” ou “dura” das representações sociais emergisse.

ENTREVISTADO 13: Não existe tanto trabalhador rural como antes. Antigamente, antes das máquinas, eu cheguei a morar em uma fazenda da usina aqui. Antigamente, ia buscar trabalhador no sertão para cortar cana para a usina moer. Porque não tinha tanto funcionário assim!

ENTREVISTADO 10: De primeiro, aqui eram, vamos supor, dez turmas de corte manual. Aí com a entrada das máquinas. Uma máquina já acaba com o que? três turmas. Entendeu? O que uma máquina colhe em um dia, três turmas fazem em apenas um horário. Porque não tem como colher a noite no manual. A máquina, não! A máquina é 24h. Tanto produz de dia quanto produz de noite! Quando uma equipe vem produzir pelo dia, ela (máquina) produz o triplo pela noite. Roda pela parte da noite. O pessoal, vamos dizer, só produz até as 5 horas da tarde (17h). Ela (máquina), não! É 24h direto!

ENTREVISTADO 11: Muita mudança! Antigamente, você chegava aqui no pátio, até esse tempo mesmo (entressafra), era mais gente trabalhando. Era até melhor! Cada vez que passa, vem mais máquina e vem mais desemprego. Hoje, pode passar por aqui e você ver que não tem quase ninguém mais.

As falas deixam claro o padrão substitutivo que as máquinas realizam quando são incorporadas ao sistema de produção agrícola. A produtividade e o alargamento do tempo de trabalho que as máquinas proporcionam substitui uma massa de trabalhadores rurais em diferentes fases da produção agrícola. O estudo de caso apresentado por Lima e Barbosa (2022) sobre uma usina alagoana demonstra que cada colheitadeira substitui 42 trabalhadores manuais. Os mesmos autores destacam que a baixa produtividade das máquinas quando comparada as utilizadas em outras regiões do país se dá pelo elevado tempo de uso. Desta forma caso as máquinas utilizadas em solo alagoano fossem mais modernas o impacto sobre a força de trabalho seria bem maior.

A representação de que houve desemprego por causa da introdução das máquinas no campo foi compartilhada com a sensação de que tal realidade tende a ser potencializada com o avanço tecnológico ou mesmo uma ampliação da incorporação tecnológica, como destacou o ENTREVISTADO 8:

Para mim, eu achei logo inovador, diferente. Como assim uma máquina que vai cortar cana e vai deixar ela já em pedaços pequenos. Daí, ao aprofundar mais, eu vi que ela não é só uma inovação. Também é a questão de desempregos! Porque uma máquina daquela, eu não sei a base, mais são muitos cortadores de cana que ficam desempregados. Aí eu vejo por essa parte também. Como também estão inovando, pegando uma máquina aí para colocá-la no plantio. Isso aí vai ser mais desemprego, se der certo. Se fizerem mais máquinas destas, vai ser bem mais desemprego.

Além disso, o avanço tecnológico ocorrido na região Centro-Sul e os reflexos gerados para o mercado de trabalho (redução de 74,6% de trabalhadores manuais) também serviram como referência para a construção de cenários negativos no futuro dos trabalhadores, no que diz respeito ao aumento do desemprego. O relato do ENTREVISTADO 12 demonstra a preocupação que o avanço, ainda não ocorrido de forma plena no cenário alagoano, poderia causar para a realidade dos canavieiros residentes no estado.

ENTREVISTADO 12: Eu vejo assim, que o desemprego vai aumentar e muito. Desemprego vai aumentar! Em questão de tecnologia, está muito avançado. Aqui em Alagoas, eu ainda não vi, mas fora que eu acompanho, alguns sites e vejo no Youtube e tudo. Lá fora, é muito adiantado. Aqui é muito atrasado. Vai avançar. Com certeza! E o desemprego vai aumentar também.

A sensação de que o desemprego tendia a aumentar com o avanço tecnológico não ficava restrita apenas aos trabalhadores rurais. Novas tecnologias na área da colheita apontavam que a ocupação de operador de colheitadeira também poderia sofrer com o desemprego em um futuro próximo. Um trabalhador indicou que existia em desenvolvimento um sistema de colheita operado remotamente em que apenas um trabalhador operava cinco colheitadeiras. Desta forma, o avanço da tecnologia passou a gerar insegurança para os que, até então, poderiam perceber-se “seguros”, tendo em vista que tinham conseguido fazer a mobilidade para o trabalho mecanizado. Essa sensação de insegurança gera o que Linhart (2014) denomina de “precarização da subjetividade”, ou seja, o “medo do desemprego”, de “ser o próximo da lista”, o que afeta, profundamente, a saúde e a vida dos trabalhadores. A fala do ENTREVISTADO 11 demonstra essa preocupação na medida que ele achava melhor ficar como estava.

ENTREVISTADO 11: Rapaz! eu acho que do jeito que está aí vai ter muitas colhedoras e muito desemprego. Desemprego vai aumentar mesmo! Porque teve uma época que a gente teve uma palestra com o pessoal de fora, mostrando uma colhedora que você operava dentro de uma cabine chegava operar até umas 5 colhedoras.

Entrevistador: Você sozinho operando 5 colhedoras?

ENTREVISTADO 11: Com computador... um negócio assim: você ficava numa salinha e as máquinas iam e voltavam. Aí bote hoje que já estão desempregando o trabalhador rural e

outras pessoas que não têm profissão. Aí você bote cinco colhedoras para uma pessoa só operar?

Entrevistador: Aí vai desempregar o operador?

ENTREVISTADO 11: Operador de colhedora. Vai desempregar mais gente ainda! Aí a tecnologia que está vindo é bom. Ensina muitas coisas. Mas tem hora que é melhor ficar assim como estava ou vai acabar logo com as vagas de operador].

Os entrevistados demonstraram empatia com aqueles que perdiam suas ocupações porque eles viviam em um mundo canavieiro formado por laços de parentesco ou de amizade onde era inevitável a preocupação com o desemprego, o *pensar no próximo*, vivenciado pelos outros.

ENTREVISTADO 9: Não! Eu vim de baixo e tenho que ver pelo próximo também. Eu vou sentir mais seguro o meu salário. E o salário do próximo? Não é verdade? A gente tem que pensar no próximo também.

A representação negativa que o desemprego gerado nos canaviais proporcionava aos operadores de máquinas não ficava restrita apenas à trajetória do sujeito. A convivência oriunda do ato de compartilhar o mesmo local de trabalho entre operadores e trabalhadores manuais (dimensão intersubjetiva) possibilitava experiências que demonstravam a sensação de “ameaça” que os trabalhadores rurais sentiam com a chegada das máquinas nos canaviais. A ENTREVISTADA 8 descreveu uma situação vivenciada em que um cortador fazia uma “brincadeira”, que demonstrava a sua dura realidade.

ENTREVISTADA 8: Aí tudo novo para mim! E eu vi que a questão do trabalhador rural. Para ele, uma máquina quebrada é melhor para ele! Aconteceu comigo, assim que eu cheguei pela manhã para fazer meu processo. Aí um cortador de cana brincou comigo, mas pela brincadeira eu vi que era sério para ele, pois está roubando o espaço dele. Aí, ele chegou e falou: “Oh moça se der para quebrar a máquina, pode quebrar, pois vai ter mais cana para a gente cortar!” E quanto mais cana para ele cortar, mais lucro[renda] será para ele.

Entrevistador: Então, para ele a máquina é uma ameaça, por exemplo?

ENTREVISTADA 8: É uma ameaça! Que ele está vendo ali a questão do desemprego dele como muitos amigos que perderam o emprego por questão de uma máquina.

As representações dos operadores das máquinas sobre a mecanização agrícola demonstraram a face ambígua e contraditória do fenômeno, que aqui foi sintetizada na imagem da rapadura, pois, como diz o ditado popular: *A rapadura é doce, mas não é mole, não!* Assim, as máquinas no campo significavam uma maneira de ter melhores condições de trabalho, remuneração e valorização profissional, ou seja, o seu lado “doce”. Já a “dureza” passou a ser vivenciada pela enorme quantidade de trabalhadores que perderam seus postos de trabalho a partir da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto incorporado às máquinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dito popular *Rapadura é doce, mas não é mole, não!*, foi a imagem que os operadores de máquinas utilizaram para explicar os impactos que a incorporação de tecnologias no campo, principalmente, com a entrada das máquinas nos canaviais, causavam nas suas condições de trabalho e vida.

A ideia de ter uma “profissão”, a sensação da responsabilidade ao ter nas mãos uma máquina que custa mais de um milhão de reais, a forma de enxergar o canavial por “cima” a partir da cabine das máquinas, de não ter o sol escaldante na cabeça ou ficar “comendo poeira” nos canaviais e o sentimento de maior integração social a partir da possibilidade de consumir alguns itens promoviam uma nova sensação que, até então, os trabalhadores dos canaviais não tinham experimentado. A “nova sensação” contrastava com o medo do desemprego que rondava não só os trabalhadores manuais, mas também já se anunciava para os próprios operadores de máquinas agrícolas.

Importante destacar essa dimensão positiva do processo de mecanização agrícola, tendo em vista a visão negativa que, hegemonicamente, se tem das máquinas que substituem o trabalho vivo, pois elas, sem dúvida, criam – para poucos, é claro – novas e melhores condições de vida que são mais dignas e menos penosas, quando comparadas as memórias construídas por eles ao longo das suas vivências, diretas ou indiretas, no mundo canavieiro. Porém, é importante ressaltar também que, mesmo com a melhoria, os trabalhadores não estavam isentos do processo de exploração que o trabalho traz em si e nem do desemprego que acompanha os processos de modernização quando eles são pautados, exclusivamente, na introdução de tecnologias nos processos de trabalho.

Seguimos investigando as representações sociais sobre a mecanização dos que ainda desempenham atividades manuais nos canaviais e dos desempregados, tendo em vista que eles sofrem os principais efeitos da incorporação de tecnologias mecânicas.

Por fim, destaca-se que não se trata de defender a mecanização nos canaviais no modo como ela tem sido implantada. Discutir mecanização agrícola é debater um caminho que possibilite erradicar um trabalho desumano como é o corte da cana-de-açúcar, porém, sustentando a reprodução social daqueles que dependem do trabalho para sobreviver. Assim, pensar um processo de modernização que seja mais “doce” e menos “duro” deve, fundamentalmente, considerar também a transformação das relações e condições de trabalho de modo a proteger a saúde, a qualificação profissional e o emprego dos trabalhadores. Caso contrário, estaremos reproduzindo no século XXI, diga-se de passagem em plena IV Revolução Industrial, o processo que, nos anos sessenta do século passado, os estudiosos das transformações do rural denominavam “modernização conservadora” ou “modernização dolorosa” para indicar o uso generalizado de tecnologias para aumentar a produtividade agrícola com diminuição de custos na contratação e manutenção da força de trabalho. O que, certamente, só é doce para o capital.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.15, n.3, p.90-98, out./dez. 2006.
- ARRUDA, A. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 6, p. 9-23, Edição Temática. 2002.
- BACCARIN, J. G. **Expansão e mudanças tecnológicas no agronegócio canavieiro: impactos na estrutura fundiária e na ocupação agropecuária no estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- BERNARDELLI, L. V. *et al.* Formalidade do mercado de trabalho e produção agrícola no Brasil. **Textos para discussão/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Rio de Janeiro, maio 2020.
- CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. 3. ed. Maceió: Edufal, 2015
- CARVALHO, C. P. de. Alagoas 2000-2018. **BNB Conjuntura Econômica: Edição Especial**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 353-366, jan. 2019.
- CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Agronegócio brasileiro: evolução recente dos rendimentos dos trabalhadores do agronegócio**. 2018a. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/especiaistematicos>>. Acesso em: 03 mar. 2020
- CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **A dinâmica dos empregos formais na agroindústria sucroenergética de 2000 a 2016**. 2018b. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/especiaistematicos>>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- CHARLES DOS SANTOS. **A construção social do meia sola: trabalho, pobreza e o programa bolsa família na zona da mata canavieira de Alagoas**. 2017. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CHARLES DOS SANTOS. **De pai para filho: um estudo sobre a formação e produção antroponômica do trabalhador canavieiro alagoano.** 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar: v.7 - Safra 2020/21 - n.4 - Quarto levantamento.** Brasília: Conab, 2021.

COSTA, C. da. Morte por exaustão no trabalho. **Caderno Crh**, [s.l.], v.30, n.79, p.105-120, abr. 2017.

CRUZ, S. A. F. da S. Por que o trabalho na cana tem moído gente e espalhado bagaços? **Revista Katálysis**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 674-686, dez. 2020.

DO BU, E. A. *et al.* Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 37, 2020

FAO. *Food and Agriculture Organization of the United Nations*. **FAOSTAT: cana-de-açúcar plantada.** 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/es/#data/QCL>. Acesso em: 01 jul. 2022.

GOMES, M.; WALTER, A. Impactos de mudanças tecnológicas e organizacionais nas condições de trabalho no setor canavieiro brasileiro: uma análise de 2000 a 2019. **Revista de Economia e Sociologia Rural [online]**, v. 61, n. 2, 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

JODELET, D. O movimento do retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, no. 3, p. 679-712, set/dez, 2009.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais.** Rio de Janeiro 2 ed. Petrópolis, Vozes, 2015.

LEITE, M. R. *et al.* O trabalho no corte de cana-de-açúcar, riscos e efeitos na saúde: revisão da literatura. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 52, 80, 2018.

LIMA, J. R. T. Mais mecanizada, mais escolarizada e mais bem remunerada: a nova realidade dos canaviais brasileiros com a incorporação de tecnologias mecânicas. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 31, p. 1154–1180, 2021 a.

LIMA, J. R. T. Mecanização agrícola, trabalho e subjetividade: a Teoria das Representações Sociais como recurso para compreensão das mudanças ocorridas nos canaviais brasileiros. *Revista Colombiana de Sociología*, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 73–96, 2021b.

LIMA, J. R. T. Colheita mecanizada da cana-de-açúcar: o que nos revelam os especialistas do setor sobre as motivações e impeditivos da sua adoção na realidade canavieira de Alagoas? **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 219-245, fev. 2021c.

LIMA, J. R. T. A realidade produtiva do setor sucroalcooleiro alagoano no período de 2008 a 2018. **Revista Contexto Geográfico**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 01–18, 2021d.

LIMA, J. R. T. *Menos acidentes, mais mortes! A mecanização agrícola nos canaviais brasileiros e seus reflexos sobre os trabalhadores.* In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 45., 2021, on-line. **Anais eletrônicos [...]**. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2021b. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 23 mai. 2022e.

LIMA, J. R. T.; BARBOSA, M. A. C. Ilha de modernidade no oceano arcaico: a colheita mecanizada de cana-de-açúcar em uma usina alagoana. **P2P E INOVAÇÃO**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 64–91, 2022.

LIMA, J. R. T.; GONÇALVES, B. S.; COELHO, R. P. de S. As transformações da produção canavieira e as assimetrias regionais: um estudo de correlação para o período 2008 e 2018. In: XLV ENCONTRO DA ANPAD – ENANPAD 2021, 45°, 2021, Online. **Anais [...]**. Online: Anpad, 2021. p. 1-16.

LINHART, D. Modernização e precarização da vida no trabalho. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2014. p. 45-54.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, I. P.; RODRIGUES, S. E. C. Representações sociais sobre a permanência na docência: o que dizem docentes do ensino fundamental?. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018.

RAIS/ME. **Relatório anual de informações sociais**. 2020. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>>. Acesso em: 25 mar. 2020

REIS, T. **Ceifando a cana... Tecendo a vida**: Um estudo sobre o pós/trabalho nos canaviais. 2018. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ROCHA, F. L. R.; MARZIALE, M. H. P. Reflexões sobre o trabalho durante o corte manual e mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil. **Saúde Coletiva em Debate**, Serra Talhada, v. 1, n. 1, p.31-39, out. 2011.

RODRIGUES, D. A. Acidentes graves fatais no trabalho de corte mecanizado de cana-de-açúcar: o olhar através do método mapa. 2014. 209 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Medicina de Botucatu, 2014.

ROSCANI, R. C. *et. al.* Risco de exposição à sobrecarga térmica para trabalhadores da cultura de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 1-15, 20 abr. 2017.

SANTOS, G. R.; GARCIA, E. A.; SHIKIDA, P. F. A. A crise na produção do etanol e as interfaces com as políticas públicas. **Radar: Tecnologia, Produção e Comércio Exterior**, Brasília, v. 1, n. 39, p. 27-38, 2015.

SCOPINHO, R. A. *et al.* Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.147-161, jan-mar.1999.

SILVA, M. A. M.; BUENO, J. D.; MELO, B. M. de. Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 85-115.

SMARTLAB, **Segurança e Saúde no trabalho**. [S. l.], 15 jul. 2020. Disponível em: <https://smartlabbr.org/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

TASCHNER, G. Cultura do consumo, cidadania e movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 47- 52, 2010.

UNICA - União da Indústria de Cana-de-Açúcar. **Evolução da produção de cana-de-açúcar, açúcar e etanol safras 2006/07 a 2019/2020**. Disponível em: <<http://unicadata.com.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

VALADARES, J. L. *et al.* O “cidadão hedonista”: diálogos sobre consumo e cidadania na sociedade contemporânea. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 966-983, dez. 2016

VERÇOZA, L. V. de. Cana. labor e adoecimento: afirmação do nexos causal como uma forma de resistência. In: SILVA, Maria A. de M.; VERÇOZA, L. V. de (Org.). **Vidas talhadas no avesso da história**: estudos sobre o trabalho nos canaviais. São Paulo: Annablume, 2018. p. 195-234.

VIDAL, M. de F. Setor sucroenergético nordestino. **Caderno Setorial**: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE, Fortaleza, n. 23, p.1-14, fev. 2018.

GILIO, L.; *et al.* Mercado de trabalho formal e rendimentos da agroindústria sucroenergética de 2000 a 2016. **Economia Aplicada**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 93-112, 2019.

FIRMINO, P. Espaço agrário alagoano: avanços da modernização técnico-científica na agroindústria sucroenergética. **Sociedade e Território**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 159–181, 2021

ⁱ Grupo de trabalhadores cadastrados nas ocupações da CBO: “operadores de colheitadeiras”, “tratorista agrícola” e “operadores de máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas”.